

— Aquí, somos compelidos a recordar o antigo preceito do “amor ao próximo como a nós mesmos”.

Em todos os seus atos, o discípulo de Jesus deverá considerar se estaria satisfeito, recebendo-os de um seu irmão, na mesma qualidade, intensidade e modalidade com que pretende aplicar o conceito, ou exemplo, aos outros.

Com esse processo introspectivo, cessariam todas as campanhas levianas dos atos e das palavras, e a comunidade cristã estaria integrada, em conjunto, no seu legítimo caminho.

196. — *Como encaram os guias espirituais as nossas queixas?*

— Muitas são consideradas verdadeiras preces dignas de toda carinhosa atenção dos amigos desencarnados.

A maioria, porém, não passa de lamentação estéril a que o homem se acostumou, como a um vício qualquer, porque, se tendes nas mãos o remédio eficaz com o Evangelho de Jesus e com os consoladores esclarecimentos da doutrina dos Espíritos, a repetição de certas queixas traduz má vontade na aplicação legítima do conhecimento espiritista a vós mesmos.

III

CULTURA

RAZÃO

197. — *Como se observa, no plano espiritual, o patrimônio da cultura terrestre?*

— Todas as expressões da cultura humana são apreciadas na esfera invisível, como um repositório sagrado de esforços do homem planetário em seus labores contínuos e respeitáveis.

Todavia, é preciso encarecer que, neste “outro lado”

da vida, a vossa posição cultural é considerada como processo, não como fim, porquanto, este reside na perfeita sabedoria, síntese gloriosa da alma que se edificou a si mesma através de todas as oportunidades de trabalho e de estudo da existencia material.

Entre a cultura terrestre e a sabedoria do espírito ha singular diferença, que é preciso considerar. A primeira se modifica todos os dias e varia de concepção nos indivíduos que se constituem seus expositores, dentro das mais evidentes características de instabilidade; a segunda, porém, é o conhecimento divino, puro e inalienável, que a alma vai armazenando no seu caminho, em marcha para a vida imortal.

198. — *Póde o racionalismo garantir a linha de evolução da Terra?*

— Por si só, o racionalismo não póde efetuar esse esforço grandioso, mesmo porque, todos os centros da cultura terrestre têm abusado largamente desse conceito. Nos seus excessos, observamos uma venerável civilização condenada a amarguradas ruínas. A razão sem o sentimento é fria e implacável, como os números e os números podem ser fatores de observação e catalogação da atividade, mas nunca criaram a vida. A razão é uma base indispensável, mas só o sentimento cria e edifica. É por esse motivo que as conquistas do humanismo jamais poderão desaparecer nos processos evolutivos da humanidade.

199. — *Poderá a razão dispensar a fé?*

— A razão humana é ainda muito fragil e não poderá dispensar a cooperação da fé que a ilumina, para a solução dos grandes e sagrados problemas da vida.

Em virtude da separação de ambas, nas estradas da vida, é que observamos o homem terrestre no desfile terrível da miséria e da destruição.

Pela insania da razão, sem a luz divina da fé, a

fôrça faz as suas derradeiras tentativas para asseio-rear-se de todas as conquistas do mundo.

Falastes demasiadamente de razão e permanecéis na guerra da destruição, onde só perambulam miseráveis vencidos; revelastes as mais elevadas demonstrações de inteligência, mas mobilizais todo o conhecimento para o morticínio sem piedade; pregastes a paz fabricando os canhões homicidas, pretendestes haver solucionado os problemas sociais intensificando a construção das cadeias e dos prostíbulos.

Esse progresso é o da razão sem a fé, onde os homens se perdem numa luta inglória e sem fim.

200. — *Onde localizar a origem dos desvios da razão humana?*

— A origem desse desequilíbrio reside na defecção do sacerdócio, nas várias igrejas que se fundaram nas concepções do cristianismo. Ocultando a verdade para que prevalecessem os interesses economicos de seus transviados expositores, as seitas religiosas operaram o desvirtuamento da fé, fixando a sua atividade, por absoluta ausencia de colaboração com o raciocínio, no caminho infinito de conquistas da vida.

201. — *No quadro dos valores racionais, ciencia e filosofia se integram mutuamente, objetivando as realizações do espirito?*

— Ambas se completam no campo das atividades do mundo, como dois grandes rios que, servindo a regiões diversas na esfera da produção indispensavel á manutenção da vida, se reúnem em determinado ponto do caminho para desaguardem, juntos, no mesmo oceano, que é o da sabedoria.

202. — *No problema da investigação, ha limites para aplicação dos métodos racionalistas?*

— Esses limites existem, não só para a aplicação, como também para a observação; limites esses que, são condicionados pelas fôrças espirituais que presidem á

evolução planetária, atendendo-se á conveniencia e ao estado de progresso moral das criaturas.

É por esse motivo que os limites das aplicações e das análises chamadas positivas sempre acompanham e seguirão sempre o curso da evolução espiritual das entidades encarnadas na Terra.

203. — *Como apreciar os racionalistas que se orgulham de suas realizações terrestres, nas quais pretendem encontrar valores finais e definitivos?*

— Quasi sempre, os que se orgulham de alguma cousa cáem no egoismo isolacionista, que os separa do plano universal, mas, os que amam o seu esforço nas realizações alheias ou a continuidade sagrada das obras dos outros na sua atividade propria, jamais conservam pretensões descabidas e nunca restringem sua esfera de evolução, porquanto, as energias profundas da espiritualidade lhes santificam os esforços sinceros, conduzindo-os aos grandes feitos através dos elevados caminhos da inspiração.

INTELLECTUALISMO

204. — *A alma humana poder-se-á elevar para Deus tão sómente com o progresso moral, sem os valores intellectivos?*

— O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita.

No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intellectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindiveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intellectual sem a moral pôde oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiencias, enquanto que o